

TRIBUNA Livre

24
OUTUBRO
1959

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR-TEL. 02113 - A M A R E S

Importantíssima descoberta arqueológica

A Coluna que serve de base ao cruzeiro de Santo António do Pilar e deu o nome ao lugar é um padrão da Geira e assinala, sem dúvida, o seu verdadeiro traçado nas terras baixas de Entre-Homem e Cávado a partir da sua confluência e de Braga àquele ponto, hipótese que se tem defendido e agora se certifica com mais este irrefutável argumento.

Quando há poucos dias, de regresso de uma ida a Fiscal na companhia do ilustre amigo Senhor Jaime Barbosa de Macedo e com o fim de obter umas fotografias para ultimar a ilus-

Curso de preparação para o exame de admissão aos Liceus e Escolas Técnicas

Aceitam-se inscrições para um curso a funcionar nesta localidade e que tem por finalidade preparar todas as crianças como e sem exame de 2.º grau, para exames de admissão aos Liceus e escolas Técnicas.

Este curso é ministrado por dois professores oficiais.

Aceitam-se inscrições na Redacção deste jornal.

tração de *Entre-Homem e Cávado*, tive ocasião de passar, pela primeira vez, neste lugar do Pilar, fui junto da capela deitar por uma das gateiras umas espigas de milho encontradas ao longo do caminho.

Voltando-me, dei com o perfil do cruzeiro cujo sabor e estilo logo despertou curiosidade e, à medida que dele me fui aproximando, lhe achei cada vez mais respeitável e solene presença.

Antes, tinha-me passado despercebido atrás das costas. Bem se conclui que o Santo padroeiro do lugar é advogado das coisas perdidas, pois que tão depressa pagou a insignificante homenagem que acabava de prestar-lhe.

Observados de fuga os

mal perceptíveis sinais epigráficos que contém, o cair da noite ainda os tornava mais indecisos e de uma casa vizinha ofereceram uma candeia que não chegou a utilizar-se, porque se desistiu de decifrá-los.

Seguimos o nosso destino, mas o mistério e razão daquele cruzeiro tão original e naquele sítio, a meio de uma estrada, fervilhava-me na mente e não descansei até que lá pude voltar para estudá-lo melhor.

Com indizível satisfação, por responder a um apelo que maiores autoridades na matéria ainda sentiriam mais em iguais circunstâncias, depressa se conseguiu indentificá-lo.

Mais ou menos incompleta e devido ao que parece ter sido escavacado do lado apostado das letras, conserva, dada a boa natureza da pedra, a seguinte inscrição:

.. P. C A E.
... A V R. C A..
P. F. I N V...
.. B R. M.

que por extenso corresponde a

imPeratori CAEsari

(Continua na 2.ª página)

Discussões em torno da «Fábrica do Volkswagen»

Divergências entre os partidos, a Baixa Saxónia e o Governo Federal—A nova meta: 3.000 carros por dia

Por Peter Poters—Impressões da Alemanha.

A «Fábrica do Volkswagen», sobejamente conhecida em todo o mundo, está há já algum tempo no fulcro de uma discussão animada em torno do problema da propriedade desta maior fábrica de automóveis da Alemanha. Os socialistas reclamaram na Dieta Federal que a fábrica continue a ser propriedade do Estado ou que seja transformada numa fundação de utilidade pública cujos lucros se destinariam a obras sociais e de cultura. Por outro lado, o Estado da Baixa Saxónia, actualmente com um governo socialista, e em cujo território a fábrica está situada, faz valer os seus direitos de propriedade contestados pelo Governo Federal. Este tenciona prosseguir na sua política de «reprivatizar» as empresas actualmente pertencentes ao Estado, argumentando que para o bom funcionamento da economia de mercado não se admite que o Estado seja proprietário de grandes empresas e exerça ac-

tividades que competem à economia particular. No Partido Cristão-democrata há muitos advogados do «movimento das acções populares» que pretendem dar a operários e empregados a possibilidade de, adquirindo acções das empresas a alienar pelo Estado, em condições vantajosas, participarem na propriedade de grandes empresas. No segundo plano ainda está a exigência daqueles que há uns vinte anos contribuíram com as suas economias para a construção da fábrica e que até agora ainda não foram indemnizados e instauraram um processo à fábrica e ao Governo Federal.

A Fábrica do Volkswagen não tem visto nestas discussões jurídicas obstáculo algum ao elevamento constante da sua produção e à ampliação e modernização das suas instalações. Livre de peias burocráticas e dos obstáculos que também não faltam nas empresas particulares, o director da Fábrica do Volkswagen, Heinz Nordhoff dedicou-se com toda a intensidade à realização dos seus planos. Prevendo reclamações ulteriores, criou reservas suficientes para indemnizar aqueles que pretendem ter direitos à fábrica se os tribunais decidirem a seu favor.

As cifras da produção aumentaram de ano para ano e atingiram em 1958 um total de 553.000 unidades. No corrente ano a produção deve subir até 665.000, sendo 550.000

(Continua na 6.ª página)

O Esterlino e a Zona do Esterlino

Tal como tantas outras instituições de origem britânica, tais como a Commonwealth, a Zona do Esterlino não se define com facilidade. Os ingleses com a atitude pragmática que tomam em face da maioria dos problemas e com o seu antagonismo para com as constituições formalizadas, têm criado certas organizações que, à primeira vista, pareciam não ter razão lógica de existir, mas que se desenvolveram, não segundo um plano a longo prazo preestabelecido, mas ao cabo de muitas experiências e tentativas acabaram por entrar na fase de funcionar satisfatoriamente.

A Zona do Esterlino não constitui uma excepção a esta regra.

Lógicamente, não é fácil explicar porque é que na Zona do Esterlino estão incluídos a maior parte, mas não todos os países da Commonwealth além de certos países que não fazem parte daquela comunidade de nações.

É muito vulgar ver que a Zona do Esterlino é imperfeitamente compreendida, o que é natural, visto que ela não está definida com precisão e sobre modificações que são

introduzidas de tempos a tempos.

Apesar disso funciona, dá resultados apreciáveis e tornou-se na instituição cambial que serve cerca de 40% das transacções internacionais em todo o mundo.

Como se formou a Zona do Esterlino

Em poucas palavras, a Zona do Esterlino surgiu ainda no século passado, quando a Grã-Bretanha era a nação comercial mais desenvolvida e era também o mercado internacional onde os produtores de matérias primas de todo o mundo iam oferecer os seus produtos para venda e iam procurar adquirir produtos industriais e maquinaria.

Daqui resultava, naturalmente, que os comerciantes e banqueiros de todo o mundo tinham contas abertas em moeda esterlina nos Bancos de Londres para fazerem face aos pagamentos das importações e às exigências de financiamentos e de crédito.

Com o decorrer dos tempos, portanto, muitos países por intermédio dos seus bancos centrais, acabaram por

(Continua na 4.ª página)

A CORTINA DE FUMO DOS «LUNIKS»...

A Rússia comunista, depois de ter usado, até onde lhe foi possível, a «cortina de ferro» para manter o Ocidente na ignorância do que se passava no seu território (ao mesmo tempo que ocultava ao povo russo as melhores condições de vida do mundo «capitalista») adoptou agora as conquistas dos cientistas ocidentais que importou, os misseis, e os Luniks, como hábil cortina de fumo a disfarçar a verdadeira, agressiva e sangrenta posição totalitária e expansionista do comunismo relativamente ao Ocidente.

É salutar e urgente esclarecer a opinião pública de todos os países ocidentais sobre este aspecto do momento político internacional. Os sorrisos do sr. Krutchev nos E. U. A., assim como as viagens à Lua dos satélites russos, não podem fazer esquecer duas coisas essenciais: o sangue, o terror, a

opressão das nações soberanas de que a U. R. S. S. se apropriou depois da guerra (aliás são o esqueçamos, com a complacência das democra-

(Continua na 2.ª página)

O DIA CICLISTA «em Vila Nova de Famalicão»

Conforme havia sido anunciado, realizaram-se no passado dia 18 do corrente as grandes provas ciclistas, em homenagem ao popular corredor do F. C. do Porto, Carlos Carvalho.

Só é pena e lamentável que, no que diz respeito ao circuito para populares, não estivessem à frente do Juri, pessoas capazes de desempenhar a missão que lhe foi confiada, sem a lamentável vergonha do que se lá passou, no que diz respeito à classificação por

equipas e distribuição de prémios.

Seria a falta do Delegado da Associação de Ciclismo do Norte que se fez sentir?

Mesmo com a falta desse elemento, poderiam ter desempenhado as funções, devidamente, se não fossem algumas influências estranhas a ponto de classificar os corredores que lhe indicavam sem verificar os resultados da prova.

(Continua na 6.ª página)

TRIBUNA das ARTES e das LETRAS

Actos heróicos da nossa história

Naquela madrugada de 14 de Outubro

Por Soeiro de Faria

Recordar cenas de bravura é sempre edificante. Não interessa que o herói haja sido desta ou daquela nacionalidade, realeza, política ou raça. Interessa, sim, o feito heróico dessa personagem. Esta torna-se universal porque na sua atitude houve amor pela Humanidade. E quando existe este sentimento tudo o mais se cala, tudo se ofusca perante o intensíssimo brilho desse sol divino.

Fez há pouco 41 anos que expirou Carvalho Araújo—audaz marinheiro que, de uma forma altissonante, honrou as gloriosas quinas do Pendão de Portugal.

O tenebroso oceano abriu as suas águas a fim deservir de esquite àquele corpo aureolado pela suprema virtude dum abnegado patriotismo que ficou indelével como sublime exemplo.

Estávamos em 1918! Ano trágico para a humanidade convulsionada por ódios e paixões. As ondas do Atlântico, tingidas de sangue, agitavam-se ferozmente no túmulo oceânico; onde jazem muitos heróis marinheiros que, pelo ardor de coragem e renúncia por tudo que lhes era querido, morreram para honrar a sua Pátria.

Despontava o crepúsculo matutino de 14 de Outubro! Singrava no mar um pequeno navio que se dirigia aos Açores, lutando com fortes lufadas e bátegas de chuva. Era o caça-minas «Augusto Castilho», que, tranquilamente, pelejava contra as barulhentas e encapeladas ondas que pareciam vaticinar mau agouro. O comandante deste barco de guerra era José Botelho de Carvalho Araújo que fora encarregado de velar pelas centenas de vidas e haveres que, a bordo do «S. Miguel», seguiam a caminho dos Açores. E, assim, o «Augusto Castilho» caminhava, com a marinhagem vigilante, atrás do vapor protegido quando, de súbito, o seu timoneiro dá conta que das entranhas do oceano emergia o dorso de aço de um submarino, ao mesmo tempo que ouviu a explosão duma granada. Era submarino inimigo que atacava.

Carvalho Araújo, electrizado por extraordinária coragem perante o adversário e correndo-lhe nas veias aquele mesmo sangue dos antigos heróis marinheiros Portugueses, impele o navio contra o submarino alemão, ripostando duma forma que causou espanto ao comandante deste.

Enquanto se travava uma tenaz luta entre o caça-minas e o submarino, o paquete «S. Miguel» ia a caminho do porto de segurança, conseguindo,

desta forma, fugir à fúria do inimigo.

Carvalho Araújo, depois de enfrentar o adversário com grande bravura e pertinácia, repara que se haviam consumido as munições! O Comandante do «Augusto Castilho» e os seus companheiros vêm que, apesar de não conseguirem os louros da vitória material, alcançaram a glória moral. Cumpriram o sagrado dever de marinheiro, salvando o, vapor «S. Miguel».

Mas, José Botelho de Carvalho Araújo—homem de rija fêmpera não desanima e ainda investe sobre o adversário, fazendo bater o casco do seu traco caça-minas contra o forte submarino atacante. É então nesse choque fatal que o grande Comandante sucumbe dilacerado por uma granada que, surdamente, lhe alvejou o peito.

«Tribuna Livre» vende-se em Braga no Quiosque Central do Largo do Barão de S. Martinho.

APELO

Hoje tentam-me as alturas
E os abismos não me poupam!

Muito custa realizar-me
Na verdade que sonhei!
Senhor, não me ouves, Senhor?
A voz do sangue e dos nervos,
As centenas de sereias
Foi por Ti que as abafei!

Hoje tentam-me as alturas
E os abismos não me poupam!

Muito custa realizar-me
Na beleza que sonhei!
Senhor, não me vêes, Senhor?
Estas mãos enclavinhadas,
Suplicantes, retorcidas,
Foi p'ra Ti que as levantei!

Francisco Sério

Já não é um acontecimento fazer-se um lato com 2,25 de fazenda, mas sim uma realidade que se confirma dia a dia. E se V. Ex. é dos que ainda duvida? Então visite.

ALFAIATARIA BELCORTE

DE
José Eduardo Macedo Gonçalves
Alfaiate diplomado em obra de
Senhora, homem e criança

Nesta casa tem V. Ex. ao seu dispor grande e boa colecção de fazendas nos mais bonitos padrões e nas melhores qualidades. Visitar esta casa é ter a certeza de visitar bem.
N. B. Brevemente inauguração de novas e modernas instalações.

B. Corte — Amares

Visado pela C. de Censura

Importantíssima descoberta arqueológica

(Continuação da 1.ª página)

marco AV Reli CARO
Pio Felício INVICTO
a BRacara Millia

Tem 1,66 de altura, fora o muito que está soterrado; 1,27 de circ; tamanho de letra 0,08; sobreposta uma cruz inteiriça, com 0,80 de altura, aproximadamente.

Além da importância que tem individual e isoladamente por si, como qualquer outro miliário considerado monumento nacional, e na categoria do seu igual Cruzeiro de S. João do Campo, este padrão vem revolucionar tudo quanto se tem afirmado relativamente ao traçado da Geira desde Braga a Caires pela Ponte do Porto.

Felizmente ficou por aqui esquecido (e porque já servia de cruzeiro) não foi na retirada dos doze para Braga, como com verdade (assim se prova) garante que foram os que primeiramente estiveram juntos no adro da igreja de Carracedo, e eram irmão deste.

Contrariando sempre as opiniões de Argote, Matos Ferreira e M. Capela, tentei demonstrar que esta parte

de Entre-H. e Cavado de modo algum poderia estar privada de comunicações com a Bracara Augusta dos Romanos. Baldado seria, porém, o meu propósito contra tais portentos da arqueologia, se não fosse este elemento de peso que Santo António em boa hora fez surgir.

Foi este padrão levantado à memória dos imperadores CARO ou CARINO seu filho, entre os anos 282 a 285. A sua inscrição é muito semelhante à de outros, principalmente um em Chorense, alguns no Bico da Geira e Albergaria de S. João do Campo.

A Capela de Santo António do Pilar é, como a de Santa Cruz, a de S. Sebastião e Santa Eufêmea da Geira, uma evocação do predomínio do Cristianismo sobre o velho mundo pagão,

onde às lendas dos divos imperadores se sobrepuseram os símbolos da Renascença.

Como em muitos outros lugares, também aqui a Geira demarcou desde sempre as fronteiras entre Carracedo e Fiscal; por certo explica o antigo quadro paroquial desta parte de Entre-Homem e Cávado, onde existiam as freguesias de S. Salvador da Gândara e S. Pedro de Triana.

Temos assim definido o verdadeiro traçado da Geira, há tantos séculos desviado do seu legítimo rumo.

Está Amares de parabéns pela posse que lhe resta ainda deste verdadeiro monumento da antiguidade; de modo especial o do Pilar, que dele recebeu o crisma.

Domingos M. da Silva

Cortina de Fumo

Continuação da 1.ª página

cias ocidentais suas aliadas) e, talvez acima dessa consideração, o carácter universalista, a tendência para alargar a todos os povos o regime comunista, sua principal base ideológica e alicerce da sua actividade política internacional.

Ora, são estes aspectos das relações Ocidentais-Rússia que uma euforia, meio imbecil meio internacional, por parte de políticos e da Imprensa de certo matiz, está procurando esconder por trás da tal cortina de fumo dos progressos científicos, alcançados ultimamente pela Rússia — repita-se, graças sobretudo à ciência capitalista e nazi cujos representantes foram, mais ou menos voluntariamente, transferidos ou contratados pela Rússia comunista.

Ainda recentemente, Suzanne Labin, no jornal «Exil et Liberté», órgão da União para a Defesa dos Povos Oprimidos, escrevia estas serenas e lúcidas considerações: «Perante a tentativa de admirar, com o Lunik, a ditadura, torna-se urgente, é essencial restaurar a escala dos autênticos valores. O socialismo, e mais geralmente a civilização tiveram razão ao ligar o seu destino à ciência. Mas por uma interpretação, fetichista muitas vezes tem-se deduzido que a máquina constitui a medida do progresso, enquanto ela não é mais do que o meio, o veículo. O fim último é libertar todos os homens da necessidade, do medo, da servidão. Para atingir esse fim a ciência é indispensável — mas não é suficiente. Sem generosidade, pode servir esse fim. É o que se passa nos regimes comunistas onde uma nova classe absolutista e exploradora se serve da técnica

para reduzir os homens ao estado do «robots». Porque se torna necessário destruir o mito que faz do comunismo não sei que arcanjo do «kir-lowatt». Na realidade, a sua função histórica é industrializar sem emancipar.

A única medida válida da qualidade de um regime consiste no grau em que ele exige os sacrifícios e esforços e opressão dos povos para conseguir alcançar resultados úteis, ou seja o bem-estar geral. O verdadeiro progresso identifica-se com o respeito superior dos homens — e não com a magia pretenciosa dos planos. Lançar misséis na Lua é sublime do ponto de vista exclusivo dos sábios e da ciência, mas como realização de um regime sòmente é admirável desde que, ao mesmo tempo, o regime realiza o bem dos seres humanos... Por mais sensacional que seja um tiro de obus que chegue à Lua, dele não pode derivar qualquer indulgência para com os ditadores de Moscovo, porque o seu pecado de ditadura é indelével. Se eles alargassem as algemas que oprimem os seus súbditos, a humanidade avançaria cem vezes mais depressa. A vida encarsenada, as massas amordaçadas, o espírito prisioneiro, os patriotas metralhados, os campos de concentração, as cartas de trabalho, cortinas de ferro, numa palavra a ditadura policial, eis o que condiciona e traduz melhor um regime de que um projectil, mesmo lunar. Não! O sr. Krutchev deve ficar na história, não como o artilheiro da Lua, mas como o carniceiro de Budapeste. Luniks não podem apagar uma única gota de sangue que lhe suja as mãos».

Transcrição feita, com a devida vénia, do nosso conceituado colega «O Debate»

TRIBUNA do CONCELHO

FOLHAS DO OUTONO

Uma a uma vão caindo...
Tristes... Duma tristeza imponderável.
Pelo vento são levadas
Em constante remoinho;
(Para aquelas serras nevadas)
Cheias de ruga, como as dum velhinho!

Caís amarelas de pavor,
E o vento furioso,
Sem olhar à vossa dor,
Sempre cruel e capcioso
Vos arranca ao lar materno
Para o deixar só e triste
Durante todo o Inverno.

Vestiste-vos tão frescas e tão galhardas...
Para quê?
Para saciar olhos e bocas esfomeadas?...
E agora ficais perdidas e abandonadas!

Cícero Dias

Campeonato Nacional da 1.ª Divisão

A maior de todas as surpresas desta quinta jornada do Nacional, teve como cenário o estádio Municipal de Coimbra. Não era de prever que os estudantes, no seu ambiente, consentissem um empate. A vitória dos estudantes era tida como certa e nunca era de admitir que o seu ataque com doze golos marcados, saísse do jogo em branco perante a defesa dos Setubalenses.

Nas Antas, embora a surpresa não tivesse sido total, pode-se considerar a surpresa, pois embora o comportamento dos portugueses, neste campeonato, não tenha ainda atingido grande plano, não era no entanto de se poder consi-

derar os homens de Belém vencedores antecipados, pois o F. C. do Porto, é sempre o F. C. do Porto, e o momento de desfortuna que os tem acompanhado, há-de ter termo num dos próximos domingos com certeza.

Nos outros resultados não há mais que lamentar, a má sorte dos Bracarenses, que já em dificuldades, se vêem agora privados de dois elementos do sector avançado que continua em branco.

É também de salientar, mais uma vez o comportamento dos homens da serra, que em cinco jogos somente consentiram um golo, e que tem vindo a confirmar, ser a equipe revelação da prova.

J. M. F. Barbosa

Fenómenos

Não sabemos a que atribuir uma série de «fenómenos» que se vêm apontando nos jornais diários, muito curiosos e que despertam sempre o interesse dos leitores pela invulgaridade e até originalidade com que se apresentam.

O Entroncamento ficou célebre na história da fenomenologia, mas outras terras rivalizam e tentam mesmo superar os extravagantes casos que muito frequentemente vinha e vem apresentando a público.

Acabamos de ler em «O Comércio do Porto» um caso de uma nespereira estar em plena floração em Guimarães e, caso curioso, ao dar uma olhadela da nossa redacção para um quintal vizinho, descobrimos idêntico fenómeno: uma nespereira, muito florida,

estava realmente patente e ao alcance do nosso olhar!

Este facto passava-nos certamente despercebido, se o fenómeno de Guimarães não tivesse sido divulgado.

Também em Amares há fenómenos e a vulgaridade com que se repetem faz-nos pensar que as condições climáticas vão evoluindo e criando estas aberrações que, amanhã, podem ser casos muitos naturais, tal a profusão em que já vão sendo notados por toda a parte.

Já depois de rigidida esta nota, garantiu-nos uma testemunha ocular, que numa outra propriedade há uma nespereira já com fruto; e ainda outra pessoa nos informa que este ano as nespereiras não deram fruto na época própria e prepararam-se para o dar agora no Outono!

Deseja trabalhos tipográficos
com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
MODELAR

Telefone 62113

Amores

Falecimento

D. Maria da Glória Arantes Russell

Na sua casa de residência em Proselo, Amares, faleceu na passada terça-feira, pelas 20 horas, a sra. D. Maria da Glória Arantes Russell, esposa do sr. Domingos José Antunes de Araújo, conceituado proprietário naquela freguesia.

Era mãe dos srs. Albino Antunes de Araújo, oficial da Junta de Província do Minho, António de Araújo, proprietário, e Adão Araújo, funcionário e das sras. D. Albina, Maria Ernestina, Maria Antonieta, Maria da Glória e Maria Filomena Araújo e sogra das sras. D. Aurora Cunha, D. Amélia Baptista e D. Emília Ferreira e dos srs. Alberto Soares e João Gonçalves.

Era irmã dos srs. Adão Arantes Russell, ilustre vice-presidente da nossa Câmara, Amâncio Arantes Russell, proprietário, D. Maria do Céu Arantes Russell.

O Funeral realizou-se na passada quinta-feira com numeroso acompanhamento, entre o qual as pessoas mais gradas do concelho a demonstrar as muitas amizades que toda a família enlutada possui entre nós.

«Tribuna «Livre», apresenta as mais sinceras condolências à Família da falecida pela qual nutre o maior respeito e estima.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje, o sr. Fernando José Pinheiro. Segunda-Feira, a menina Maria Alice Macedo Martins e o Sr. João da Rocha Barbosa. Terça-feira, a Sra. D. Maria da Conceição Dias Correia Portela e o Sr. Alvaro de Freitas. Quarta-feira, a menina Ermelinda Pereira Barbosa de Macedo. Quinta-feira, o Sr. Abílio José de Freitas.

Novos Assinantes

Tivemos o prazer de inscrever como nosso assinante, o Sr. Victor Manuel Antunes de Melo, da freguesia de Chorense—Terras de Bouro.

Também o Sr. Adelino Alves Cracel, ausente no Rio de Janeiro, nos indicou para assinante, o Sr. Manuel Maia, também no Rio de Janeiro.

Gostosamente fizemos as suas inscrições, que muito agradecemos.

O Desporto Feiranovense

Nesta terra, onde diga-se, o Futebol local é por quase todos os Feiranovenses tido como cousa de mera importância, o que é bastante lamentável, é com agrado que se vê trabalhar um certo número de pessoas, que embora lutando contra dificuldades inúmeras, acham que ele é realmente necessário.

Porque não ter a Feira Nova, terra que é tida de grande bairrismo e de grandes tradições, um grupo de Futebol, ainda que não seja um grande grupo, pois isso é impossível, mas ao menos um grupo que se não servir para mais, sirva ao menos para afirmar que nesta terra há um bocadinho, de tudo.

Aproveitamos a oportunidade para lançar um apelo a todos aqueles que são realmente Feiranovenses, de que não deixem, agora neste momento em que se aproxima o começo do Campeonato, que esta colectividade vai disputar, de dar ao menos um pouco de colaboração, para ajudar a resolver as dificuldades que sem a ajuda de todos não se poderão resolver.

Ainda no último domingo, tendo esta organização desportiva, realizado um encontro de Futebol, no Campo de Jogos, Luis Calheiros de Abreu, foi com bastante desgosto que os seus Directores registaram a pouca alluência de

público, que para eles foi como um balde de água fria, na árdua tarefa a que têm de se votar.

O encontro que teve como protagonistas o grupo local e o grupo Desportivo da Casa do Gaiato, embora tivesse sido do grande espectáculo, deixou ao menos todos aqueles que cá se dirigiram e a quem estamos muito gratos, satisfeitos, pois foi todo ele foi bem disputado.

O resultado foi o seguinte F. C. de Amares 3-G. da C. do Gaiato 3.

As equipas alinharam:

F. C. de Amares

Tomé, Barbosa e Almeida, Rocha, Gonçalves e Martins, Chico, Barrosa, Travassos, Pinto e Amadeu.

G. D. da Casa do Gaiato

Vaqueiro, Camurra e Miguel, Daniel, Peniche e Adolfo, Oscar, Serafim, Mário, Quim e Gaia.

Os golos que foram obtidos intercaladamente, puzeram várias vezes as duas equipas na qualidade de vencedoras, tendo no entanto o resultado final sido um empate a três bolas. Pelos locais marcaram, Barrosa (2) e Chico.

Nos locais salientaram-se Martins, Pinto e Gonçalves.

J. Barbosa

CARRAZEDO

Adélio Gonçalves Campelo

Na sua residência no lugar de Barrimau desta freguesia, faleceu o sr. Adélio Gonçalves Campelo, casado, de 32 anos, distribuidor rural dos correios.

Era filho do conceituado negociante de Rendufe, sr. Albino Campelo.

A morte deste bondoso moço enlutou todas as pessoas que o conheceram pela sua exemplar conducta, por isso a máguia familiar é compartilhada por toda a população que o conheceu e admirou.

Condolências à família, paz à sua alma e que Deus o chame para o lugar dos justos.

Cortejo de oferendas

É no próximo domingo que se realiza o cortejo em benefício das obras da igreja. Reina grande entusiasmo e as ofertas valiosas e numerosas, vão dar, com requinte de grandeza e bom gosto.

C.

HUMORISMO

Autêntica?

Foi encarregado um escriptorário de fazer o arrolamento de bens penhorados em execução fiscal, relacionando os móveis do modo seguintes:

1.º—Uma mesa com abas de comer velhas de pino.

2.º—Uns estribus de pau de homem.

3.º—Uma burra branca com sua filha legítima e da mesma cor.

4.º—Um banco com 4 pernas de carpinteiro.

5.º—Quatro panelas de fazer comida de ferro.

6.º—Várias roupas entre elas uma cadeira.

No café

—Como conseguiste tu deixar de fumar?

—Muito simples. Pus o retrato da minha sogra na cigarreira.

Visado pela Censura

O Esterlino e a Zona do Esterlino

(Continuação da 1.ª página)

manter parte das suas reservas em esterlino, criando-se por alturas de 1930 o chamado «Bloco do Esterlino».

Esses países tomavam o esterlino para padrão das suas taxas cambiais colocando-se, assim, em posição que lhes permitia transaccionar com o resto do mundo, segundo o padrão do esterlino. Não havia artificios nestas transacções que eram apenas o resultado duma evolução económica.

Mudanças introduzidas pela Guerra

Era inevitável que a Guerra havia de introduzir muitas modificações neste sistema.

A mais importante foi o facto de a Grã-Bretanha ter sido forçada a introduzir o control sobre as operações cambiais.

Durante a Guerra, o Reino Unido pagava a maior parte das despesas da Guerra em esterlino, sobretudo a países do Grupo do Esterlino, embora muitos outros países, entre os quais Portugal, também aceitassem pagamentos em esterlino.

Daqui resultou que as reservas em esterlino de varios países, atingiram a enorme soma de 3.700 milhões de libras (296 milhões de contos — quase 6 contos por cada cidadão britânico). Assim o Reino Unido, ao chegar ao fim da Guerra, não só tinha de suportar esta enorme dívida, mas ainda se encontrava desfalcado em reservas — ouro e em cambiais (sobretudo dólares).

É evidente que o abrandamento das restrições monetárias, nestas condições, tinha de ser lento e gradual, sobretudo devido às grandes necessidades de dólares no período que se seguiu à Guerra. Manteve-se, no entanto, em larga medida, a liberdade de comércio dentro da Zona do Esterlino, mas nos primeiros anos que se seguiram à Guerra, as transacções entre a Zona do Esterlino e o resto do mundo, tiveram de ser restringidas ao mínimo possível.

Pouco a pouco, essas restrições foram abrandando até que, finalmente, em Dezembro de 1958, o esterlino adquirido fora da Zona do Esterlino passou a poder ser trocado por qualquer outra divisa, mesmo dólares, ao câmbio oficial.

A actual Zona do Esterlino

Embora com o andar dos tempos e devido à Segunda Guerra Mundial o sistema tenha evoluído em certos aspectos, as características fundamentais da Zona do Esterlino continuam a ser as seguintes:

a) — Os países-membros utilizam o esterlino como moeda normal para pagamentos no Estrangeiro; a moeda de cada um deles está ligada ao esterlino por uma taxa de câmbio fixa.

b) — Os países-membros mantêm geralmente a maior parte das suas reservas em esterlino.

c) — Esses países (sobretudo os que fazem parte da Commonwealth) consideram o Reino Unido como um dos principais fornecedores de capital.

b) — Esses países colaboram com o fim de manter a vitalidade do esterlino.

O Emprego Internacional do Esterlino Actualmente

O esterlino está a contribuir de duas maneiras importantes e indispensáveis para o comércio internacional no momento actual. Em Primeiro lugar é a moeda de câmbio utilizada por 40% das transacções internacionais. Em segundo lugar, é nessa moeda que a sexta parte das reservas mundiais está representada.

Nos seus aspectos puramente mercantis a contribuição do esterlino não se limita às vantagens de ser longamente aceite e de se poder obter com facilidade. Estabelece também um elo com os serviços financeiros fornecidos pela City, tais como banca, seguros, créditos a curto e longo prazo, etc.. Em mais parte nenhuma do mundo estes serviços financeiros estão tão bem montados.

Como a maior parte das transacções internacionais relativas à Zona do Esterlino, passam por Londres, é de toda a conveniência para esses países manter ali as suas reservas sob a forma de saldos em esterlino (como excepção pode citar-se a África do Sul, que, por ser o maior produtor de ouro do mundo, continua a manter a maior parte das suas reservas em ouro). Acontece assim que esses países quando recebem, de países estranhos a Zona do Esterlino, pagamentos em esterlino ou outras divisas, transferem esses montantes para o Reino Unido para aumentar as reservas que lá têm depositadas.

Por outro lado, quando efectuam pagamentos utilizam para esse efeito as reservas que mantêm depositadas no Reino Unido.

Este sistema funciona com grande conveniência financeira para os países em questão, e dá resultado porque o Reino Unido está constantemente pronto a cambiar o esterlino em ouro ou qualquer outra divisa sempre que o requeiram.

Simultaneamente obtém-se uma economia considerável no montante de ouro e divisas estrangeiras necessárias para financiar um certo nível de

comércio visto que, as reservas do Reino Unido podem actuar como reservas para divisas que não sejam ouro, em vez de cada país ser forçado a manter separadamente reservas em ouro e divisas estrangeiras. O sistema funciona com êxito porque em qualquer ocasião em que determinado país esteja em déficit em relação a outro país que não pertença à Zona do Esterlino, esse déficit pode ser coberto pelo excedente de esterlino noutro país mantendo-se assim as reservas intactas.

Simultaneamente, também existe esterlino fora da Zona. As disponibilidades são largamente distribuídas e derivam, na sua maioria, de saldos de operação. No entanto, recentemente, os Bancos Europeus e entidades particulares têm amontado importantes saldos que excedem as necessidades de fundos de maneio. O total do esterlino amontado por vários países vai bastante além dos 3 mil milhões de libras, dos quais cerca de 2/3 representam reservas oficiais de alguns países, sobretudo de membros da Zona do Esterlino. As reservas oficiais em esterlino sobem a cerca de 10,º das reservas oficiais mundiais em ouro e divisas convertíveis, e num período durante o qual as reservas de ouro e divisas convertíveis eram escassas, esta percentagem contribuiu largamente para a solvência mundial. Se não existisse o esterlino a expansão da produção e comércio mundiais teria corrido grave perigo. Além disso, como moeda comercial o esterlino promove o fluxo suave pagamentos internacionais e seu emprego alarga-se cada vez mais, sobretudo desde que foi declarada a convertibilidade externa.

As pessoas que não residem na Zona do Esterlino, podem utilizar o esterlino para liquidar transacções entre elas ou efectuar pagamentos na Zona do Esterlino, com tanta liberdade como as pessoas que fazem parte da Zona do Esterlino.

Desta sorte todo o mundo beneficia do poder do esterlino, visto que, este facilita o fluxo livre do comércio internacional e torna mais eficiente o emprego das reservas. O Reino Unido tem plena consciência da sua responsabilidade em manter não só uma moeda estável nestas circunstâncias, como também em conservar o valor interno e externo da Libra — um dos objectivos básicos da política económica do seu Governo.

Canadá-Montreal

MONSIEUR, S. ENKIN INC recomenda e pede a todos os portugueses que vivem em Montreal e que estão para vir para o Canadá, que devem procurar o bem conhecido MERCADO DO ST. LAURENT E DORCHESTER que bem pretende servir os seus clientes amigos portugueses com todas as variedades de frutas, tais como BANANAS, LARANJAS, LEGUMES DE TODAS AS ESPÉCIES E MERCADORIAS a preços convidativos. Procurem, pois, o mercado mais completo e o que melhor serve os EMIGRANTES.



COMPANHIA DE SEGUROS 'DOURO'

FUNDADA EM 1835

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na "DOURO" está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Maria da Luz Baptista

Enfermeira-Parteira pela Universidade do Porto

RUA D. PEDRO V- 201 || TELEFONE, 3029
(S. VICTOR) || BRAGA

NINA

A sapataria dos vossos filhos.

As últimas novidades para jovens de todas as idades.

Exclusivistas das melhores fábricas do País.

Vendedora das confecções «Bom Gosto» — Novidades — 92 — Rua do Souto — 94 — Tel. 23602 — Braga.

VENDE-SE COFRE

Tomaz Cardoso

57X77

Informa nesta Redacção



RELOJOURIA

MAURÍCIO

QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Gaetano Brandão Telefone 2526 Braga

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 53

(CONTINUA)

ca dos animais bravios da serra, o porco bravo o veado, o urso, a cabra; este exercício, como a natureza da alimentação, vincou nos remotos povoadores destas paragens um carácter indelével de bravura e ferocidade superior ao das feras com que conviviam.

É exuberantemente fértil de vegetação: muita urze, carqueja, carvalhos, medronheiros, azereiros, teixos, salgueiros, sobreiros, vidoeiros, escalheiros, azevinhos e macieiras bravas, onde não faltam intercaladas as vastas e gigantescas penedias, de formas caprichosas que foram o enlêvo do homem da «idade da pedra» e motivo do seu culto. Essas massas graníticas fenomenais avolumam-se enormemente no que chamam «castelos de Covide».

É banhada pelo ribeiro de Rodas que nos limites desta freguesia, onde chamavam Porta Santa, tem uma ponte de um só arco: divide-a com S. Paio de Carvalheira. Também corre por ela o ribeiro de Freitas que começa por alturas do cruzeiro de S. João do Campo e segue para o rio Caldo, do Gerês. Tem alguns moínhos e dele saem algumas «levadas» para rega de fertilização dos campos adjacentes.

No lugar de Sá havia um cruzeiro feito de um miliário anepígrafo: tinha, porém, a data de 1736, de quando o levantaram.

No lugar da Igreja está outro cruzeiro, sobre uma pequena colina donde visa a povoação; serve-lhe igualmente de pedestal um miliário que foi devastado e a inscrição ficou na parte soterrada.

Teve cobertura de Zinco, da qual resta apenas a armação. Sobre o capitel e à base da cruz está uma imagem de pedra.

Martins Capella menciona no lugar de Sá a inscrição de um miliário que servia de penha a uma pedra de cruzeiro e ficava à entrada da povoação. Tinha a epígrafe par-ta baixo.

.....
.....QVINTI.
.....AN. DECIO
....V.....O. PIO. F. AVG.
.....MAX. T.P.
.....COS. IIII
.....P...
.....RAC. MIL
XXV

E um fragmento longitudinal que servia de suporte ao alpendre de uma corte de cabras do lavrador Dias de Sá, na Rua da Carreira:

O.
FEL
IAX
O
S.
VG
I

A matriz está fora da povoação, no sítio que chamam a Veiga de Cima.

É um sólido edifício, construído a perpianho, imitação do românico, como lhe compete e fica bem por continuidade de estilo. Gravadas nas empenas, tem as cruces da via-sacra.

Por volta de 1840 não tinha Sacrário e por conseguinte ainda aqui não havia Sacramento senão por viático, pois, como se disse, andava anexa a Carvalheira.

Tem quatro altares: o principal que é o da padroeira Santa Marinha; colaterais, à parte do Evangelho o do Coração de Jesus e defronte o de N. S.a de Fátima. O das Almas conserva um quadro votivo das mesmas e foi privilegiado de uma antiga e importante irmandade, agora extinta. Tinha muitas indulgências apostólicas e bons sufrágios. Na casa que foi da sua fábrica está hoje instalada a escola. Houve outra confraria a de N. Senhora do Rosário e ambas com numerosos confrades em Carvalheira, Campo, Chamoim, S.ta Isabel do Monte e Rio Caldo. Todos aqui concorriam em dia de S. José, a confessarem-se, fazendo a sua desobriga. Matava-se para esse dia uma boa cabeça de gado para dar de comer a todos os irmãos e sacerdotes que participavam no jubileu.

(Continua no próximo número)

Balança

No dia 18 do mês corrente, as eleições da Junta nesta freguesia correram normalmente.

Às nove horas, encontrava-se a mesa da Assembleia constituída pelos seguintes senhores:

Presidente

Manuel Joaquim Martins

Suplente

Adelino Martins

Escrutinadores

João Hilário Martins dos Santos e Augusto Chaves

Secretários

António de Sousa Martins e Joaquim dos Santos Martins

Suplentes

Joaquim Chaves e José Bento Esteves.

Seguidamente, procedeu-se à primeira chamada, na qual já se encontravam a maior parte dos eleitores.

Cumprindo-se todas as formalidades da Lei, procedeu-se à segunda chamada, a qual deram o seu presente os restantes eleitores, que completaram a percentagem de 67,69.

As catorze horas, contaram-se as listas, as quais não tinham nome nenhum cortado. Quer isto dizer que foram todos eleitos em unanimidade.

As listas continham os seguintes nomes:

Efectivos

António de Sousa Martins, João Hilário Martins dos Santos e Luiz Gonzaga Martins.

Suplentes

João Fernandes da Costa Arantes, Eduardo Araújo e Joaquim Chaves.

É assim, foi encerrada a Assembleia, da qual se lavraram as respectivas actas.

Propriedade de recreio

Vende-se

Água a motor e bomba, ramadas a produzir cerca de 6 pipas, fruta, azeite e laranja. Boa bouça e casa de rendimento. 2 carros de rendimento. Carreiras à porta, no local mais central.

Carracedo—Amares

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos, desde os mais simples aos mais luxuosos.

Milagre da Virgem de Fátima em Caniçada

Continuação da 6. página

rosto, pedia à mãe do céu que lhe concedesse a graça de a ir receber a Chelo (Caniçada) no dia 8, à sua passagem e a Virgem Milagrosa não deixou em vão a sua prece e logo que esta a viu desaparecer na última curva da estrada, sentiu que já o seu coração e as suas forças a convidavam a abandonar o leito e no dia seguinte fazia-o com admiração dela e de toda a gente; pisava o caminho público, o que durante 6 anos completos o não fazia! Na quinta feira dia 8 estava presente no local desejado, aguardando a chegada da milagrosa mãe do céu e ali de perto agradeceu calorosa-

mente a misteriosa graça. No Domingo, no mesmo automóvel que levou o sr. P. Augusto Lima a Vieira do Minho, seguiu ela também e ali assistiu a todas as recepções, sem o menor enfado, continuando desde aí a usar os seus membros inferiores com a facilidade de antigamente.

São testemunhas deste caso o Ex.º Sr. P. Augusto Lima e todos os habitantes daquela freguesia e outras vizinhas.

É bom que a nossa Mãe do Céu prove com os seus prodigiosos milagres, aos homens portugueses e de todo o mundo, o seu poder inagualável.

José Silva

A MORTE

Tenebrosa, traiçoeira,
Em silêncio se abeira
De alguém que vai levar.

Entretanto, arrebatada a presa,
Deixa o luto e a tristeza,
Gira sempre sem parar.

Rompe barreiras e grades,
Não sente dificuldades
E nada lhe mete medo.

Anda de noite e de dia,
E à nossa moradia
Ela virá tarde ou cedo.

Amigos e parentes,
Saúdaveis e doentes
Todos levais para vós.

Sem distinção de idades,
Não adiantam saudades
Que num dia vamos nós.

Tancos 13-10-59

José Silva

PELA MAIOR OFERTA

VENDE-SE

Ou troca-se por outra em Lisboa ou arredores

CASA DE LOJAS E PRIMEIRO ANDAR COM GARAGEM
—E GRANDE QUINTAL COM VINHA E LARANJAL—

CAMPO DA «TOMADA» COM GRANDE OLIVAL, VINHA
E LARANJAL COM AGUA CORRENTE E COM MOTOR
—E CASA DE CASEIRO—

Bouça da Boa Vista e Bouça de Vila Nova
do Lugar do Pilar, freguesia de Fiscal (Amares)

Carta a Augusto Rodrigues Macedo
Rua Washington 114-C—LISBOA

Companhia de Seguros «ATLAS»

Efectua seguros em todos os ramos.
No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Sr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros.

Discussões em torno da «Fábrica de Volkswagen»

Continuação da 1.ª página

carros para passageiros. A produção diária deve passar 2.400 unidades em fins do ano passado para 3.000 unidades em fins de 1959.

A Fábrica do Volkswagen continua a ocupar o primeiro lugar na indústria automobilística alemã, cuja produção totalizou no ano passado 1,5 milhões de automóveis, o que corresponde a um aumento de 23,3%, enquanto nos Estados Unidos a produção baixou em 1958 de 29,0% para um total de 5,1 milhões de veículos. Em 1958 fabricaram-se em Wolfsburg 451.000 carros e em Hannover 102.000 furgonetas. Para o carro ligeiro os prazos de entrega no mercado interno ainda vão além de um ano.

O Volkswagen, inclusive os microbuses, manteve no ano passado o primeiro lugar nos registos de carros novos 31,4%. O Volkswagen participou nas exportações com 57,3% do total, exportado pela indústria automobilística alemã. Só os Estados Unidos receberam 86.000 unidades, cifra esta que no ano corrente deve atingir a casa dos 100.000. Estando praticamente satisfeita a procura das furgonetas no mercado interno, as exportações neste sector poderão aumentar.

A Fábrica do Volkswagen facturou no ano passado 2,4 biliões de marcos aos quais há a acrescentar mais 319 milhões das firmas filiadas no estrangeiro. No corrente ano os facturamentos devem totalizar 3,3 biliões. Os investimentos devem subir de 267 para 500 milhões. Desde a Reforma Monetária inverteram-se 1.160 milhões de marcos. A produtividade subiu cons-

tantemente. Em 1949 os facturamentos elevam-se a 25.330 DM por cada operário ou empregado. Entretanto esta cifra subiu para 61.800 DM. Segundo as declarações de Nordhoff continuar-se-á fiel ao modelo corrente do Volkswagen prevendo-se uma série de aperfeiçoamentos sobre os quais se mantém segredo absoluto.

Visado pela Censura

O DIA CICLISTA

«em Vila Nova de Famalicão»

Continuação da 1.ª página

Temos participado em diversos circuitos que se vêm realizando e em todos há sempre umas pequenas faltas, mas que são de aceitar dado que a missão do juri é sempre difícil de desempenhar, mas o juri da competição do Circuito para Populares em Famalicão, fica gravada na memória daqueles clubes que foram prejudicados sem consciência.

Dizem agora os nossos leitores, quem perde tem sempre argumento, mas não julguem que falamos só pelos Leões da Modelar; ficamos comovidos quando vimos os corredores das «Minas do Pejão», a chorar como autênticas crianças por, depois de terem entrado em boas condições, não constarem na classificação, entrando estes à frente do corredor Raul Ribeiro—do Aldoar, que foi classificado em 12.º lugar e sendo atribuído a outro corredor do Aldoar

Condições de Assinatura	
Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	30\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

o 8.º lugar, quando este pertencia ao corredor da Modelar, António dos Anjos, que para o juri também não constou da classificação.

A pessoa encarregada do apontamento, quando o poltão cortava a meta, apenas classificou 6 corredores; os restantes, foi conforme lhe foram batendo nas costas.

A pouca competência do juri, veu-se nisto: o corredor António Xavier de Sousa, que na penúltima volta tinha avariado, foi o último da equipe da Modelar a cortar a meta e quase o último de todos e o juri teve o disparate de o classificar em 11.º lugar.

Eis a razão da queixa!

Como devia ser a classificação dos Leões da Modelar:

António dos Anjos—8.º G. D. «Leões da Modelar» 8 pontos.

António Rodrigues da Costa—11.º G. D. «Leões da Modelar» 11 pontos.

Tribuna de Vieira

Milagre da Virgem de Fátima em «Caniçada»

Caniçada 15—Entre vários milagres que se vêm registando à passagem da Virgem Peregrina, salienta-se mais um que deixa perplexas as pessoas que o conhecem.

Trata-se de Maria Rosa da Cunha, residente naquela freguesia, lugar de Freitas, uma infeliz doente que em Agosto de 1953 se encerrou no leito para nunca mais ver a claridade do dia, senão através dos

Total . . . 19 pontos, 5.ª taça.

Classificação que lhe foi atribuída:

António Xavier de Sousa 11.º—11 pontos.

António Rodrigues da Costa 13.º—13 pontos.

Total . . . 24 pontos.

No jornal «O Comércio do Porto» do dia 19, segunda-feira, ao dar o resultado das provas classificaram os Leões da Modelar em 6.º lugar; e se haviam 6 taças, onde está a da Modelar?! F.L.

vidros da janela do seu quarto; sofria muito pelo seu isolamento; mas o seu sofrimento mais penoso, era o de não poder deslocar-se à sua Igreja paroquial distante 500 m. que diariamente frequentava e da qual dizia ter já saudades; um dia pediu para que a transportasse lá em ombros e só se não realizou o seu desejo pelo sr. P. Augusto Lima, digníssimo Pároco daquela freguesia aconselhar que o não fizessem por temer o seu estado de fraqueza.

Pois em 6 do corrente mês, a nossa Mãe do Céu, de quem ela era grande devota, concedeu-lhe a graça por ela há tanto tempo desejada; nesse dia seguiu a estrada Valdozende—Gerês a caravana da Peregrina; ao vêr o cortejo através dos vidros da sua janela, que passava em frente na estrada além do Cávado, essa devota, com as lágrimas no

(Continua na 5.ª página)

Agência Funerária

DE

MANUEL DA CUNHA

Esta casa encarrega-se de todos os serviços fúnebres, bem como

Ornamentações de igreja, tanto em luto como em gala, andores dos mais luxuosos, coroas, ramos para casamentos, ornamentações de cruzes e todos os serviços deste género

Sempre grande depósito de luxuosas urnas

No seu próprio interesse consulte esta casa em **COUCIEIRO—VILA VERDE**

Castro de Carrazedo

por Domingos M. da Silva

18 — Padrão da Comenda de Coucieiro, a favor de Diogo Peçanha; em nome de el-rei D. Henrique, Cardeal. Ano de 1578. (Vide *supultura da capela-mór da igreja da freguesia da Torre, que era da Comenda de Cristo*).

19 — Carta de privilégio de Fidalgo de qualidade, para Francisco Machado, filho de Manuel Machado, por Filipe I, em 1586.

20 — Capítulo canónico pertencente a Braga, com data de 1586.

21 — Bula do S.to Padre Clemente 8º, sobre o Benefício de Santa Maria do Vale que, vagando por Francisco de Barros, foi dado a Matias de Sousa, em 3 de Dezembro de 1596.

22 — Bula do S.to Padre Paulo 5º, a favor de Manuel de Sousa e acerca de uma pensão na igreja da cidade de Miranda. Ano de 1606.

23 — Bula a pedido de Manuel de Araújo de Sousa, casado com D. Margarida Machado, senhora de E. H. e Cávado, sobre a união das duas partes dos frutos da igreja de Carrazedo; com uma demissão do licenciado João Baptista de Herreira, vigário geral do bispado de Tui e juiz apostólico da mesma bula, o qual delegou no geral dos P.P. Bentos do convento de Tibães e mais dois juizes; a qual bula é do Papa Clemente 8º, confirmando e ampliando a de Paulo 3º, que concedeu as duas partes dos sobreditos frutos, e vem inserta no referido pergaminho. Ano de 1606.

24 — Citação mandada fazer de Roma a Pedro Lopes Leitão, cónego da Sé de Braga. Ano de 1610.

25 — Dispensa do papa Paulo 5º, para Manuel de Sousa poder comer de Benefício. Ano de 1615.

26 — Bula do mesmo papa, a favor do Rev.do António de Aguiar, tesoureiro-mór da Sé de Miranda. Ano de 1627.

27 — Confirmação das jurisdições de E. H. e Cávado, de que fez mercê Filipe III a Félix Machado da Silva, em contemplação de

casar como D. Violente, filho do Marquês de Mortara, e por sua mãe renunciar nele as terras do dito concelho. Tem junta uma igual carta de confirmação do mesmo rei, feita a Manuel de Araújo de Sousa, por estar casado com D. Margarida Machado, filha de Francisco Machado, a mais velha do 1º. matrimónio, que preferiu à irmã, do 2º, a favor da qual seu pai lhe tinha alcançado a referida mercê. Não teve porém, efeito por ser excluída a dita filha do 2º. matrimónio em 1622, como se vê na mesma carta. Isto em 1631.

28 — Confirmação da Comenda de S. João de Coucieiro em Félix Machado da Silva, ao tempo de Filipe 3º. Ano de 1633.

29 — Bula da pensão de 75 cruzados cada ano, a favor de Manuel de Sousa da Silva, pai da marquesa de Montebelo; em 1635.

30 — Carta de mercê da capitania de Sofala, a favor de D. Diogo de Mendonça Furtado, dada por el-rei D. João 4º. em 1645.

31 — Breve do S.to Padre Alexandre, de comissão para ser juiz, em uma apresentação de Gaspar de Sousa, o vigário geral de Coimbra. Ano de 1660.

32 — Carta de aforamento, em 3 vidas, de de um prazo da Comenda-mór da vila da Ega, o João Rebelo da vila de Sernache; em nome de el-rei D. Afonso VI. Ano de 1661.

33 — Carta de Filipe III, pela qual fez conde de Amares ao Senhor Marquês de Montebelo D. António Machado da Silva, mas que não teve efeito por ser nomeado 24 anos depois da aclamação de el-rei D. João IV, em Portugal, sendo, que essa nomeação foi feita durante a Guerra da Restauração, que o rei castelhano esperava vencer, sucedendo-lhe ao contrário. E do ano de 1644.

Como é relativamente breve, quanto curiosa, transcreve-se na íntegra o respectivo texto:

No canto esquerdo do pergaminho, as Armas reais de Castela Dom Phelippe por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, da quem e dalem mar em África, senhor de Guiné e da Conquista, Navegação e Comércio de Ethiópia Arabia Perssia, e da India, Etc.ª. fação saber aos que esta minha carta vieram, que tendo consideração à calidade de Dom António Manhado da Silva Marques de Montebelo-

(CONTINUA)